

# A VARANDA DO FRANGIPANI: MEMÓRIA COLETIVA, MITOS, HISTÓRIA E A FORMAÇÃO NACIONAL.

Sara Pires Oliveira<sup>1</sup>; Ana Claudia Duarte Mendes<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras – Habilitação Português/Espanhol da UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Dourados; e-mail: [sarapires@ibest.com.br](mailto:sarapires@ibest.com.br). Bolsista PIBIC-UEMS Linguística, Letras e Artes.

<sup>2</sup> Orientadora - docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidades Universitárias de Dourados e Campo Grande; C. Postal 351, 79804-970, Dourados-MS, e-mail: [acdmendes@uems.br](mailto:acdmendes@uems.br) Linguística, Letras e Artes.

**RESUMO:** Em decorrência da pesquisa de Iniciação Científica apresentamos a análise da obra literária “A Varanda do Frangipani” do escritor moçambicano Mia Couto, a partir dos mitos e da memória coletiva presentes em sua narrativa, para compreender o processo de (re)construção da identidade nacional moçambicana, no período posterior à independência de Moçambique (1974), momento este, em que a FRELIMO (Frente de Libertação Moçambicana) assume o poder e propõe a construção de uma identidade única da população moçambicana.

**Palavras-Chave:** Mia Couto; Mito; Tradição; História.

## Introdução

[...] na verdade, traduzir para o outro as diferentes versões dos acontecimentos inusitados do cotidiano da terra moçambicana, açoitada por guerras e pobreza intensa, funciona como uma estratégia narrativa que faz com que o leitor seja também o destinatário dos saberes que o tradutor vai manipulando (FONSECA, 2008, p.24).

Com o intuito de cumprir com o objetivo de nossa pesquisa, apresentamos inicialmente o país de Mia Couto e de seus romances em uma abordagem de enfoque histórico.

Em AVF<sup>1</sup>, o recorte histórico que podemos fazer é o do fim da guerra de independência do país, 1975. Porém a história de Moçambique perpassa os tempos de colônia da Coroa Portuguesa e das guerras pela independência. Nas palavras de João M. F. Morais

o sul de Moçambique assistiu a chegada de novas sociedades portadoras de processos produtivos inovadores que, a partir de há cerca de 1800 anos, foram rapidamente povoando as zonas litorais e estuarianas, bem como penetrando as bacias fluviais em direção às encostas e planaltos do interior. Este processo difuso, também conhecido por expansão bantu (MORAIS, 1989, p.8).

Vemos, portanto, indícios sólidos de uma ocupação anterior aos portugueses de sociedades portadoras de processos produtivos inovadores – Bantu, que nos sugere ainda populações com uma organização sócio-cultural sólida.

---

1 Colocaremos AVF para “A Varanda do Frangipani” com o intuito de não cansar o leitor.

J. H. Greenberg reforça esta afirmativa

[...] vários pesquisadores portugueses observaram a semelhança entre as línguas de Moçambique, na costa oriental da África, e as de Angola e do Congo, a oeste, pronunciando assim o conceito de uma família de línguas bantu a abranger a maior parte do terço meridional do continente (GREENBERG, 2010, p.319).

E acrescenta-nos a grande mobilidade espacial dos povos bantu que compõem o universo cosmogônico moçambicano. Por meio destes textos sabemos ainda que, a produção e circulação de objetos e de materiais como as missangas moçambicanas foram encontradas não apenas no litoral e interior do território que compõem moçambique, como em territórios bem distintos de modo a indicar a comercialização com povos árabes.

[...]sobretudo a partir de cerca do ano 1000 d.c., à investida do capital mercantil árabe na costa parece corresponder a transformação de algumas pequenas unidades económicas de auto-subsistência em emergentes organizações de estado (MORAIS, 1898, p.15).

Estes breves trechos que apresentamos apontam as trocas culturais ocorridas do interior para o litoral moçambicano, para outras regiões da África com mesma matriz cultural – Bantu, e com de matriz cultural distinta, os árabes. Mostra que já havia organização social e uma rota comercial bem estabelecida. Estas relações, principalmente com os árabes, alteraram as sociedades pré-urbanas e as primeiras urbanas em Moçambique.

Quando da chegada dos portugueses já havia toda esta estrutura e houve guerras por ser uma exigência da coroa o fim da comercialização com os árabes, seus concorrentes de então. Alguns reis resistiram a imposição da coroa por meio de luta, foram mortos e a coroa portuguesa elegeu quem melhor lhe servisse para ocupar o lugar de liderança dos vencidos.

Já no período colonial uma das questões mais interessantes é a religiosa, que por sua vez, alterou toda a estrutura serviçal do país. A distinção maior era entre os cristãos e não cristãos. Os nativos que não aceitassem o cristianismo, por tanto não cristãos, não poderiam trabalhar em alto-cargos para a coroa. E aos que aderissem ao cristianismo deveria também aprender a língua oficial da colônia, o português, para que assim desempenhasse com perfeição as funções dos cargos que a eles estabelecidos pelos portugueses.

De moçambique saíram muitos dos navios negreiros que abasteceram com homens escravizados os engenhos de cana-de-açúcar, com a justificativa de que naquele continente já as tribos faziam outras escravas e que eles mesmos aceitavam vender dos seus. Essa ideia perdurou por muitos anos nas escolas brasileiras.

Portugal foi o ultimo país da Europa a aceitar a independência de suas colônias. Moçambique e Angola só tornaram-se independentes em 1975 por meio de luta armada.

A FRELIMO foi muito importante neste processo, este grupo encabeçou o movimento de independência e assumiu o poder no pós-colonialismo. Na verdade a guerra não cessou com o fim do período colonial português, iniciou-se uma guerra civil no país para ver qual partido político e, portanto, ideologia, assumiria as rédeas do novo país.

A concorrente dos socialistas da FREMILO foi a REMANO. Não vamos nos aprofundar, mas é importante saber desses partidos e que foi nessa perspectiva que se decidiu usar a língua oficial portuguesa como símbolo de luta e de resistência e que esta foi instituída como língua oficial do país em sua constituição; e foram os modernistas brasileiros que serviram de referência cultural para os independentes contra a cultura portuguesa que lhes foi importa. E que os estudiosos que participaram de um modo ou de outro desse processo, incumbiram-se de forjar uma história da Moçambique autônoma, de valorização de seus costumes e cultura através da literatura.

Dentre estes se encontra Mia Couto e seus romances, o valor maior não é apresentar seus costumes para os seus e para o mundo. O autor (*op cit*) é reconhecido mundialmente como expressão da literatura do país em que habita. Publicou muitos romances, embora seja autor de contos e crônicas, é no romance que a crítica literária o enunciou como figura importante. Sua importância pode ser confirmada por meio da frase em destaque no início deste texto.

## **Material e Métodos**

De modo a sistematizar a realização desta pesquisa, adotamos como metodologia a divisão da mesma em duas fases, em um primeiro momento fizemos as leituras pertinentes ao embasamento teórico, tomando, como ponto de partida, questões relacionadas aos conceitos de mito e memória coletiva em Le Goff, Halbwachs e Eliade, principalmente.

Por tratar-se de uma obra de literatura africana, trabalhamos com questões pertinentes a história moçambicana, com ênfase em seu viés cultural com M'Bokolo. Adotamos ainda, algumas leituras ligadas à análise literária como Tzvetan Todorov – Introdução à Literatura Fantástica e Antônio Candido – Literatura e Sociedade, mais especificamente à análise da literatura africana.

Cumprida a primeira fase, iniciamos a análise da obra escolhida (A Varanda do Frangipani), de modo a identificar e pontuar como a memória coletiva e o mito fazem parte da construção narrativa em “A varanda do Frangipani” em um contexto de identificação e (re)afirmação nacional. O método analítico e de construção crítica, não carece de estudos de campo, nosso trabalho efetuou-se através de leitura, fichamento, discussão e criação com intuito de exposição acadêmica.

## **Resultados/Discussões**

Não partilhamos do olhar analítico que compreende o conjunto de escritores de Moçambique, Angola, Cabo Verde, principalmente, como componentes de uma literatura africana

de língua portuguesa tão somente, pelo contrário, defendemos a existências de **Literaturas** (distintas) de expressão portuguesa em países do continente africano. Portanto, literaturas de expressão cultural local e assim definida em um espaço geográfico delimitado. Em Moçambique se faz literatura Moçambicana, em Angola literatura angolana. De modo que o que lemos em Mia Couto é expressão da cultura moçambicana e não de África como um todo.

Reconhecemos que os romances cumpriram e cumprem um papel político, histórico e cultural semelhante em Angola e Moçambique, não consideramos positivo expor a literatura moçambicana como sendo o mesmo que a angolana, ou qualquer outro país. África é composta por diversos países e grupos étnico-linguísticos e devemos respeitá-los em suas particularidades. Ao falarmos de Mia Couto e de AVF, no referimos apenas a Moçambique.

Com relação à obra por nós analisada, foi publicada no Brasil pela Editora Companhia das Letras no ano de 2007. Nesta percebemos muitos dos aspectos que buscamos durante nossa pesquisa, principalmente no que tange a tradição e ao mito ancestral.

O romance “A Varanda do Frangipani” apresenta-nos a terra como espaço sagrado, tudo acontece na varanda do frangipani que tem suas raízes fundas na terra e é em suas raízes que vive um dos símbolos de mito e tradição moçambicano, o chipoco – ser nem morto nem vivo que pode transitar entre ambos os mundos, sem contudo, pertencer a nenhum deles.

*O sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade* (ELIADE, 2011, p.31). Nas palavras de Fonseca (2008, p.83) [...] *a casa, lugar de morada, permanência, mas também “aberta” ao que vem de fora e ligada ao cosmo*. E assim vemos aquele espaço, - a terra em que ocorre a história, uma alegoria de Moçambique - como sagrado e real.

Compreendemos que não se trata de fantasia e sim da ordem cosmogônica africana. Seres como o chipoco – um *passa noite*, não é vivo e também não pode transitar entre os mortos por não ter tido as devidas cerimônias, está em um não lugar por não pertencer nem a ancestralidade nem aos vivos, este pertence à terra, a sua casa, o frangipani -, seu animal de estimação o halakavuma – um ser mítico que vivem entre os mortos e tem o poder de transportá-los ao mundo dos vivos – ou o wamulambo que é uma *cobra gigantíssima* que passeia pelos céus em tempestades, fazem parte do cotidiano cultural africano.

Há o forte apelo à tradição oral, nas falas dos velhos do asilo, que contam como participaram da morte do diretor. Os velhos chamam a atenção do inspetor advertindo-o que somente quando este for capaz de os ouvir desvendará o mistério da morte do inspetor.

o silêncio é que fabrica as janelas por onde o mundo se transparenta. Não escreva, deixe esse caderno no chão. Se comporte como água no vidro. Quem é gota sempre pinga, quem é cacimbo se evapora. Neste asilo, o senhor se aumente em muita orelha. É que nós aqui vivemos muito oralmente (COUTO, 2007, p.26).

Ao mesmo tempo o autor coloca um contraponto, a modernidade, em personagens como o inspetor Izidine e o próprio diretor morto. Estes personagens não conseguem se comunicar ou entender o que acontece ali no asilo porque desconhecem sua cultura, são formados em uma outra, a do colonizador.

Enilce Albergaria Rocha (2006, p.47) nos esclarece *Em Moçambique, somente as elites, que o colonialismo português utilizou como colaboradoras no funcionamento de seu sistema opressor, tiveram acesso à educação e assimilaram, através dela, os valores da cultura portuguesa.*

Outro contraponto entre tradição e modernidade é a figura interessante de Marta, enfermeira do asilo que dorme nua no chão da cozinha, como manda a tradição de sua etnia. Mulher que compreende e vive o universo dos velhos, de sua ancestralidade e, concomitantemente, se relaciona bem com o inspetor. Ela é capaz de se comunicar com ele, de lhe dar dicas.

Marta é o intermediário entre dois mundos que, como ela mostra, podem conviver em harmonia. A enfermeira é o suporte de Izidine em sua viagem de retorno a sua origem, a seu universo. Naozinha, a única mulher velha, é uma personagem muito rica quanto a memória coletiva, pois esta

[...] em cada noite eu me converto em água.  
[...] logo que amanhece, de novo se refaz minha substância.  
Para dizer a verdade, eu só me sinto feliz quando me vou aguando. Neste estado em que me durmo estou dispensada de sonhar: a água não tem passado. Para o rio tudo é hoje, onda de passar sem nunca ter passado. Há aquela adivinha que reza assim: “em quem podes bater sem nunca magoar?”  
[...] Eu respondo: na água se pode bater sem causar ferida. Em mim, a vida pode golpear quando sou água (COUTO, 2007, p.81).

Este trecho em que Naozinha diz “ser água” consideramos lindíssimo por apresentar o ciclo de vida ininterrupto. Ao transformar-se em água, a velha deixa de ser, ela se recria, se resignifica e passa a existir em outro ciclo. Não é mais humana e sim parte do sagrado, água, fonte da vida.

Ao mesmo tempo ela está a explicar uma característica cultural da tradição moçambicana. Começou a transformar-se em água depois de perder todos os seus familiares, ela sobreviveu e esse foi seu mal. Foi considerada bruxa entre os seus por enterrar os parentes. Diz que mulheres quando jovens não podem viver e quando velhas o mal é estarem vivas. Podemos ler seu desabafo como uma crítica as uniões matrimoniais que adolescentes de treze anos casam-se em Moçambique. É um dado cultural o casamento -para nossa cultura, precoce. Vemos ainda como um apontamento de mudança de pensamento cultural da nação, visto que tal fala vem de um símbolo da tradição.

Outro personagem revelador é o inspetor, que chega cego e surdo a sua cultura e ao fim, permanece na terra que é parte dele. Izidine enfim escuta verdadeiramente os velhos, passando pelo ritual da criação do mundo. Ele ouve atentamente cada um e assim vão recriando a tradição e seu sentido. Ao perceber-se como moçambicano ele equilibra tradição e modernidade. O que

consideramos ser a principal característica da obra.

## **Conclusões**

Em AVF, há o uso da escrita – afinal trata-se de uma obra literária – como manutenção de uma característica cultural de um povo, a tradição oral. Percebemos também, através dos diálogos na obra entre os velhos do asilo com Naíta, que Mia Couto não quer manter estanque a cultura oral moçambicana, e sim mostrar que ela existe e pode permanecer viva mesmo em tempos modernos.

Observamos o uso de palavras próprias do autor que dão maior riqueza e valor a sua literatura, sem desmerecer as muitas possibilidades de uso de suas obras pela história.

Os personagens de “A Varanda do Frangipani” são o retorno a origem ancestral e ainda o caminho do recomeço marcando o círculo onde começo e fim se tornam um, (re)significando-se o fim em um começo diferente, simplesmente. O frangipani é o representante mais significativo desta representação cosmogônica.

Pudemos perceber em nossa análise que todas estas características da cultura tradicional moçambicana, que receberam tanta importância após a independência de Moçambique, estão expressas na obra de Mia Couto, para fortalecer a formação de seu país e apresentá-lo aos seus leitores brasileiros, norte americanos, portugueses, dentre outros.

## **Agradecimentos**

Agradecemos à Divisão de Pesquisa da UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, fomentador desta pesquisa DE Iniciação Científica. PIBIC-CNPq/UEMS.

## **Referências**

COUTO, M. **A Varanda do Frangipani**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Editora WMF Martins, Fontes, 2011.

FONSECA, M.N. **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

GREENBERG, J. H. Classificação das línguas da África – parte I. In: Ki-Zerbo (editor). **História Geral da África I**. Brasília: Unesco, 2010.

MORAIS, J.M.F. **O princípio e o presente: a arqueologia na redescoberta do passado em Moçambique**. Revista ICALP, vol. 18, Dezembro de 1989, p. 74-92. Disponível em: [www.cvc.institutocamões.pt/bac/revistas/revistaicalp/arqueomoc.pdf](http://www.cvc.institutocamões.pt/bac/revistas/revistaicalp/arqueomoc.pdf). Último acesso: 09/04/2011

ROCHA, E. A. A narrativa ficcional e a identidade cultural: a guerra pós-independência em Moçambique na escrita de Mia Couto. In: Ignacio G. Delgado (org.). **Vozes (além) da África: tópicos sobre identidade negra, literatura e história africanas**. Juiz de Fora: Editora UFKF, 2006.